

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DISCIPLINA: Arte e Sociedade em Adorno e Flusser – 2017/2

PROFESSOR: Rodrigo Antônio de Paiva Duarte

ALUNA: Luciana Bastos Neiva

AS CONFLUÊNCIAS DOS CONCEITOS DE “INDÚSTRIA CULTURAL”, DE ADORNO, E A “CONVERSA FIADA”, DE FLUSSER: FORMAS PSEUDO-ARTÍSTICAS

Desde o advento da indústria cultural, a produção de objetos culturais direciona-se para a fabricação de mercadorias fetichizadas. Adorno e Horkheimer apontam que a industrialização da cultura prima por adaptar os produtos para o consumo das massas em larga escala, determinando este consumo na medida em que a fabricação impõe exatamente o que o consumidor deverá demandar, supostamente de forma espontânea¹. A indústria cultural é porta-voz da ideologia dominante, reforçando elementos opressivos do mundo industrial moderno, instalados na esteira da revolução burguesa, e impingindo aos homens as condições que representam os interesses das classes dominantes, ao incitá-los à participação na grande engrenagem, seja como quem fabrica o produto, seja como quem o consome. A indústria cultural realiza uma “falsa identidade do universal e do particular”², de modo que somente de um ponto de vista externo, o sujeito e o todo se encontram em sintonia, quando na verdade aquele está absorto na geração de lucros e controle social.

Já em “A língua cria realidade”, Flusser destaca as variações da língua, os vários modos a partir dos quais ela é expressa. O autor o faz no formato de um “Globo da língua”, em que o horizonte ressaltado como intermediário, ou seja, aquele que domina nossos dias na maioria do tempo é a Conversação. De acordo com o autor, ela

¹ A obra *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer (2006), será tratada pela abreviação DE;

² DE, p. 100.

corresponde a intelectos que se associam pelo contato uns com os outros, se tornam realidade pelo processo de estarem juntos. Esta é uma associação autêntica, levando em conta que cria uma rede de informações, que são emitidas como mensagens, garantindo um enredo de finalidade social. No entanto, é no decaimento dela, nomeado por Flusser de “conversa fiada” que iremos tratar de modo mais aprofundado.

Deste modo, no presente trabalho iremos abordar a interlocução entre os conceitos de Adorno e Horkheimer e Flusser, entrecruzando as obras da “Dialética do Esclarecimento” e “Língua e Realidade”³, focando mais especificamente no texto “A língua cria realidade”. Em ambos é denunciado processo de restrição da liberdade do indivíduo, um promovido por esse fetichismo da mercadoria, e o outro pela coisificação na não realização da língua e irreflexão dos indivíduos, com a finalidade de firmar novas relações sociais.

Para Flusser, a Conversação surge do indizível, assim como a realidade. Ele propõe que este modo da língua faz uso da linguagem designando algo, tal qual se transpusesse para a realidade por alguma finalidade. No entanto, não se constrói apenas pelo âmbito subjetivo, é exigido dela alguma objetividade, de modo a ser racional e real. Porém o próprio irrompimento através do indizível faz com que dele trate, pois é neste modo mais característico de língua do homem que se formam relações para tornar algo possível de ser refletido e retransmitido a outrem.

Assim, Flusser destaca o fenômeno do crescimento da inteligência artificial de um modo positivo - que tange ao que Adorno ressalta como técnica, de um modo negativo e mistificador das realidades - , em que novos intelectos são criados, para aumentar o novelo de informações utilizadas nas conversações, onde uma maior produção expande o território da realidade e constrói novas redes de relações. O filósofo tcheco-brasileiro nomeia como conversação da atividade científica e a descreve como “uma forma especialmente desenvolvida e concentrada”⁴, pois ela objetiva e prima pela busca consciente de descobrir novas informações, e a partir das regras já socialmente estabelecidas, desenvolver novas relações.

Quando partes da Conversação se desenlaçam do contexto e se acoplam a partes inferiores denomina-se “conversa”. São detritos da primeira, restos que transpõem-se de maneira agressiva e invisível, permanecendo como se houvesse um significado

³ *Capítulo III – A língua cria realidade, in “Língua e Realidade”, Flusser (2007) será tratada pela abreviação LcR;*

⁴ LcR, p. 138.

específico e propriamente criado para tal. É desta parte que iremos nos ocupar, chamada por Flusser de “Conversa Fiada”, um termo brasileiro apropriado por ele que exprime exatamente a ligeira desvirtuação da linguagem para este uso subjetivo da língua. Para o autor: “Frases formuladas por intelectos participando da conversação são apanhadas por pseudo-intelectos participando da conversa, sem jamais serem inteiramente apreendidos e compreendidos”⁵. É denominado pseudo-intelecto por não chegar a realizar-se como Conversação, não suportam a fixação de relações através da língua, mas aparentam como se o fizesse. Flusser defende que a Conversa Fiada é uma espécie de decadência da Conversação, sendo a saída frustrada para a qual se dá a não realização desta última.

Nesta camada do Globo, os modos da língua empregados são de uma reprodução mecânica das informações, sem a reflexão e apreensão que objetivam o estabelecimento de redes de conhecimento. As informações são deturpadas e desfiguradas a medida que pseudo-intelectos as transportam sem envolvê-las num nexo-de-remissões, incluindo a herança heideggeriana de Flusser.

De modo análogo, a Indústria Cultural, cunhada por Adorno, trabalha com a ideologia das massas, corroborando para uma espécie de indiferenciação dos indivíduos, em que a finalidade que se propõe é a irreflexão no consumo da arte. O oxímoro Indústria + Cultura, que de modos incompatíveis se unem, acaba por levar a cabo a liberdade de consumo e de “gosto” dos indivíduos imperceptivelmente, falseando as relações entre os próprios indivíduos. Para Flusser é exatamente esta a deliberação:

“Os pseudo-intelectos, fechados sobre si mesmos, são um brinquedo das informações que sobre eles se precipitam. Inteiramente circundados, cercados pelas informações não apreendidas e compreendidas, são estes pseudo-intelectos angustiados completamente determinados *pelas coisas*: não têm liberdade.”⁶

A indústria cultural surge na intenção de transferir o conhecimento sobre a arte para a esfera do consumo, exprimindo sua totalidade. Sua técnica leva à padronização e manufatura em série sacrificando a tensão entre a obra e o sistema social. Este é também parte do conceito construído por Adorno anteriormente, influenciado pelas leituras de Marx e Freud, denominado fetichismo da mercadoria cultural. É deste modo que a mercadoria perde a sua qualificação econômica e conseqüentemente o seu valor, se espalhando por toda sociedade indiscriminadamente. No capitalismo tardio, o incentivo

⁵ LcR, p. 140.

⁶ LcR, p. 141.

à diversão é colocado como acréscimo da duração do trabalho, e é este o lazer oferecido pelo industrialismo da cultura, procurado por quem quer fugir do processo de trabalho mecanizado.

Para Flusser, a língua é um fenômeno social, “ a língua é um processo de realização que tende a superar-se a si mesmo”⁷. É nesta realização que, conseqüentemente, a língua também caminha para um além do real, aludindo ao surgimento da arte para dar conta da realidade. A arte é um exercício criativo da língua, em que o autor faz questão de ressaltar a criação de um misticismo através dela.

Se a arte é uma realização, é possível pensar que a Indústria Cultural não permite que os indivíduos alcancem esta camada do Globo da Língua. Seu esforço é de funcionar como uma agência do capitalismo monopolista para manter o *status quo*, contribuindo para a reificação dos sujeitos, tornando-os não pensantes, apenas uma das partes da “conversa fiada”. Desta forma, a industrialização da cultura pode ser taxada como “enorme conversa fiada que nos inunda na forma da propaganda comercial e política e das produções pseudo-artísticas do cinema, das revistas ilustradas e do romance”⁸. Flusser ainda acrescenta que, na mesma medida que Adorno, este processo atinge grande parte da humanidade, sendo rebaixada a um estágio de coisa.

Diferentemente deste último descrito, os intelectos desenvolvidos pela Conversação, chamados autênticos, são responsáveis por absorver informações emitidas por outros e através da sua compreensão, articulam para formular coisas novas. Esse movimento promove uma transformação de coisas em instrumentos para si, para se expandir e se emancipar através do trabalho. Este modo de pensar a construção da língua, feita por Flusser, também alude ao processo de Esclarecimento, cunhado por Adorno e Horkheimer. Esse processo consiste em que os homens, através do “desencantamento do mundo”⁹, vencem a escuridão da ignorância, se libertam do domínio da natureza sobre eles pelo meio da racionalização. Para alcançar esse pensamento, a construção do preceito de liberdade é imprescindível, exibindo formas possíveis de aproximar-se da realidade efetiva, o que por Flusser é nomeado como realização.

Estando inserido neste social, Adorno e Horkheimer apontam que o sujeito encontra-se anulado em face do poder econômico, e no entanto, faz questão de indicar seu domínio sobre a natureza, para “garantir” a sua soberania sobre estes mesmos

⁷ LcR, p. 133.

⁸ LcR, p. 136.

⁹ DE, p. 17.

homens. O esclarecimento é oriundo da intenção de livrar os homens do medo e investi-los na posição de senhores, pois a superioridade do homem está no saber, no conhecimento enquanto função de aprimorar a vida, colocando aquilo que não tem utilidade suspeito a este movimento, que torna-se ditador e totalitário. Neste cenário de manipulação do homem, o despertar tem o preço do reconhecimento do poder como princípio intrínseco a todas as relações e fundamentam a alienação do homem naquilo sobre o que exercem seu poder, formulando a imanência como geradora da "segurança", que prende o indivíduo num ciclo que aparenta garanti-lo como um sujeito livre¹⁰.

Neste efeito ilusório, os homens são forçados à conformidade. Assim, a insensibilidade do mercado pela origem das pessoas, autoriza a pseudo-individação, correspondente inevitável por qual se entende a envoltura da livre-escolha escamoteada pela produção cultural em massa. A pseudo-individualidade reduz a capacidade do universal de manter integralmente o contingente no indivíduo, para que a finalidade seja de conservá-lo o mesmo. Desta forma, os sujeitos tem a ilusão de escolhas livres, e, no entanto, são dominados pela estrutura massacrante da indústria cultural¹¹, em que suas particularidades são como mercadorias produzidas e condicionadas. A universalidade só se faz possível porque os indivíduos não são vistos como cada um, e sim tendências do universal reintegradas totalmente, como produto da aparelhagem econômica e social¹².

Na indústria, o indivíduo é ilusório, pois não há mais um limite entre o que é definido pela singularidade e o que se estende a todos sem exceção. E isso se dá, afirmam Adorno e Horkheimer, não apenas pela padronização nos modos de produção, mas também devido à sua identidade com o universal, que não é consentida em hipótese alguma, pois está dominada pela pseudo-individualidade. Desta forma, “o individual reduz-se a capacidade do universal de marcar tão integralmente o contingente que ele possa ser conservado o mesmo”¹³, pois aludem a mercadorias socialmente condicionadas.

A massificação da cultura acoberta o caráter fictício da formação dos indivíduos. Não obstante, podemos pensar que a individuação não se realizou faticamente, cada homem é cooptado em sua formação genérica e expressa, em sua suposta liberdade, os resquícios da aparelhagem econômica e social da qual provém. Ele é produto desta sociedade, e

¹⁰ DE, p. 23.

¹¹ DE, p. 128.

¹² DE, p. 128.

¹³ DE, p. 128.

“É só por isso que a indústria cultural pode maltratar com tanto sucesso a individualidade, porque nela sempre reproduziu a fragilidade da sociedade. Nos rostos dos heróis do cinema ou das pessoas privadas, confeccionados segundo o modelo das capas de revistas, dissipa-se uma aparência, na qual, de resto, ninguém mais acredita, e o amor por esses modelos de heróis nutre-se da secreta satisfação de estar afinal dispensado de esforço da individuação pelo esforço (mais penoso, é verdade) da imitação.” (DE, p. 129)

Esse viés possibilita uma correspondência com o conceito expresso por Flusser como pseudo-intelecto. De forma análoga esses últimos não apreendem a rede de informações que lhe é disponibilizada e compartilhada, mas o faz como se conseguisse compreender, falseando uma relação de formação de novas relações, assim como na pseudo-indivuação proposta por Adorno. O filósofo tcheco-brasileiro se apropria da palavra “mito”¹⁴ para descrever a realidade fictícia pertencente aos pseudo-intelectos.

A “repetição do eternamente idêntico”¹⁵ é o que se encontra na camada da Conversa Fiada, e isso nada mais é do que o que é proposto de forma escancarada pelo engodo da Indústria Cultural, permanecendo imutável no *status quo* comandado pelo capitalismo tardio. Uma articulação fundamental entre arte e sociedade pode ser proposta pelos dois textos estudados, pois os sujeitos que produzem a arte de forma não autônoma, como denunciado pela industrialização da cultura, e que possuem difícil apreensão das informações, dominado pelos pseudo-intelectos, promovem um movimento que vai na contra-mão da crítica, em direção ao irreflexível. Desta forma, restringe-se as condições de possibilidade para a liberdade, pois ainda de acordo com Adorno e Horkheimer, na indústria cultural sob a égide do capitalismo tardio “o inimigo que se combate é o inimigo que já está derrotado, o sujeito pensante”¹⁶.

¹⁴ LeR, p. 142.

¹⁵ LeR; p. 143.

¹⁶ DE, p. 123.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, T. “O caráter fetichista da música e a regressão da audição”, in *Adorno*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Os pensadores).

_____. *Prismas: crítica cultural e sociedade*. São Paulo: Ática, 1998.

ADORNO, T. e HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

DUARTE, R. *Teoria Crítica da Indústria Cultural*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

FLUSSER, V. *Língua e Realidade*. São Paulo: Annablume, 2007.